

RÚGBI NA ESCOLA?!... PERSPECTIVAS DE UMA PROPOSTA DIVERSIFICADA, PAUTADA NA PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rafael Bernardes Perri Neves¹, Rubens Venditti Júnior², Renato Aparecido de Souza^{1,3},
Rafael de Castro Kocian^{1,4}, Mateus Camargo Pereira^{1,4}, Lia Polegatto Castelan¹,
Fabiano Fernandes da Silva^{1,3,5}

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida com apresentação de elementos que proporcionaram a construção de um rúgbi da escola, ou seja, dentro do contexto escolar, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto educação física, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS, na cidade de Muzambinho-MG. O processo pedagógico pautou-se pela diversificação dos conteúdos ensinados e pela inclusão dos estudantes de ambos os gêneros nas mesmas. Procuramos também estabelecer relações com características tidas como objetivos do ensino fundamental, no que diz respeito às capacidades dos alunos, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998). Para trabalhar o tema, foram desenvolvidas aulas baseadas na minimização da violência contida no jogo, proporcionando a prática prazerosa de meninos e meninas simultaneamente; cooperando, participando e se enfrentando no fair play. Como resultado, tivemos aulas divertidas, que estimularam a curiosidade sobre o tema proposto e uma possível ampliação da compreensão dos fatores que envolvem o universo da Educação Física por parte dos alunos, oferecendo a possibilidade de novas práticas corporais aos participantes e adaptações nas práticas para atender ao contexto educacional.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Rúgbi. Inclusão. Pedagogia do Esporte.

RUGBY AT SCHOOL?!... PROSPECTS OF A DIVERSIFIED PROPOSAL GUIDED BY SPORTS PEDAGOGY FOR SCHOLAR PHYSICAL EDUCATION AT ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This study aims to report the experience with elements that built Rugby at school, with the Scholarship Program Initiation to Teaching (PIBID), in the city of Muzambinho-MG-Brazil. Featuring a diversified proposal based on the theme "Collective Sports", from the diversification of classes and promoting inclusion therein, with respect to the practice of sports and gender conflict in physical education. We also seek to establish relationships with characteristics that are objectives of primary education, with regard to the capabilities of the students present in the National Curriculum Parameters-NCPs (BRASIL, 1998). To work the theme, classes were developed based on the minimization of violence contained in the game rugby, providing a pleasurable practice of both boys and girls all together; cooperating, participating and experiencing in fair play. As a result, we had fun classes, which stimulated curiosity about the theme, the new modality and a possible expansion of the understanding of the factors involved in the world of physical education by students, offering them possibility of new practices to the same sportive modalities and adaptations at activities to attend educational context and reflections emerged from the activities and interactions.

Keywords: Physical Education. Rugby. Inclusion. Sport Pedagogy.

NEVES, R. B. P.; VENDITTI JR., R.; SOUZA, R. A. de; KOCIAN, R. de C.; PEREIRA, M. C.; CASTELAN, L. P.; SILVA, F. F. da; RÚGBI na escola?!... perspectivas de uma proposta diversificada, pautada na pedagogia do esporte para a educação física escolar do ensino fundamental, **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 12, n. 4, p. 127-134, 2013.

INTRODUÇÃO – “SENHORES, VAMOS COMEÇAR A PARTIDA!... AOS SEUS LUGARES!!!”

Um olhar sobre o percurso da Educação Física Escolar (EFE) no século XX, tendo como referência a obra de Castellani Filho (2011), proporciona a percepção de diferentes objetivos a ela relegados. Intenções higiênicas, eugênicas, militaristas, políticas e também educacionais, nortearam os interesses estatais ao longo do referido século. Todos esses objetivos tinham como referência a aptidão física dos praticantes. Esta característica ainda encontra-se presente nos tempos atuais, haja vista a preparação e tratamento dado aos jogos escolares, seja no treinamento presente dentro das escolas e até mesmo pela exposição na mídia dos eventos esportivos escolares.

Tal paradigma foi amplificado na década de 1970, época em que havia uma maior valorização dos alunos mais habilidosos e fisicamente fortes, com vistas a formar um brasileiro concatenado às necessidades políticas e econômicas da ditadura militar.

Neste período há também a inclusão nos currículos nacionais dos esportes tradicionais, tais como futebol de salão (futsal), basquetebol, voleibol e handebol, que são as modalidades mais trabalhadas nas escolas atualmente (conhecidos atualmente e nomeados sarcasticamente como o “quarteto fantástico” da EFE- alusão feita ao quarteto de heróis conhecidos no universo da *Marvel Heroes* - em diversas discussões e foros de debate em nossa área), desfavorecendo a ampliação da cultura corporal de movimento dos alunos, vista a pouca diversificação de conteúdo nas aulas, por motivos como falta de material e espaço adequado para realização das demais práticas (ABREU; SANTOS, 2011).

Sobre cultura corporal de movimento, Betti (1992) apud Neira; Uvinha (2009, p.34) entende que:

“(...) a função pedagógica desse componente é integrar e introduzir os alunos e alunas no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...)”

Neste contexto de pouca diversificação de conteúdos, o ensino do rúgbi é bastante negligenciado. O rúgbi é um esporte coletivo de origem inglesa, cuja história se relaciona com o futebol de diversas maneiras, visto que possui antecedentes comuns em suas histórias. A versão mais comumente relatada e conhecida pelos praticantes do esporte seria a de que o rúgbi tenha sido criado a partir de uma jogada irregular realizada por *William Webb Ellis*, em uma partida realizada na universidade de *Rugby*, na Inglaterra, surgindo inicialmente com nome de “*Rugby Football*” (CENAMO, 2010).

CONHECENDO A MODALIDADE RÚGBI

Dentro das características do jogo, podemos destacar que o rúgbi conhecido atualmente apresenta alguns aspectos diferenciados de outras modalidades de esportes coletivos:

- a forma como se deve passar a bola para um companheiro de equipe;
- o passe, que deve ser executado jogando a bola sempre para um companheiro de equipe posicionado mais próximo da linha de defesa (*in-goal*); e
- outra característica marcante é a forma como se marca o ponto, chamado de “*Try*”, que se dá ao encostar a bola no solo, no *in-goal*, área que está localizada no final do campo do adversário.

A violência também está presente no jogo, no ato de “*tacklear*” (ou derrubar) o oponente com a posse da bola, com o intuito de recuperá-la e impedir o progresso da outra equipe. Pensando em incluir o rúgbi no universo da EFE, são necessárias adaptações ao ambiente da escola e ao contexto educativo da EFE, o que inclui principalmente o espaço disponível para a prática e a falta de materiais adequados ao rúgbi propriamente dito. Segundo Vaz (2005), a partida de rúgbi se torna limitada a pisos duros, sendo o contato fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, devendo ser fixadas aos alunos algumas normas de conduta e comportamento, garantindo a segurança individual e coletiva, evitando-se assim riscos e acidentes desnecessários para essa prática corporal.

O RÚGBI COMO UMA MODALIDADE DENTRO DOS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS – Em que time iremos jogar, professor(a)?

Buscar modalidades com características semelhantes e materiais alternativos pode ajudar no processo. Por exemplo, sabemos que o futsal é uma modalidade esportiva dominante entre os alunos. E a partir dos conhecimentos dos alunos com relação ao futsal e suas práticas dentro do ambiente escolar, podemos adaptar e fazer o aluno compreender as possibilidades e relações históricas e culturais do rúgbi e do futebol, ou no caso de nossas aulas, do futsal.

Ao partirmos de práticas conhecidas de nossos alunos e adaptando as mesmas e construindo conjuntamente com eles novas práticas e possibilidades de esportes coletivos (jogos reduzidos, alteração de regras, mescla entre as modalidades já praticadas, dentre outros) podemos apresentar conteúdos diversificados de modalidades esportivas, que se contrapõem aos modelos tradicionais das aulas enfocadas nas quatro grandes modalidades conhecidas e aplicadas em EFE.

Especificamente, partindo de práticas enfocando o futsal e handebol, pode-se iniciar a diversificação do tema Esportes Coletivos sugerindo, por exemplo, o “bitoque”, modalidade onde se substitui a queda existente no rúgbi (*tackle*) pelo toque simultâneo das mãos do defensor no jogador com posse de bola (também conhecido como *touch*, em virtude da necessidade de se tocar o adversário, geralmente com as duas mãos na altura da cintura ou nas costas e ombros).

Também se pode destacar o “tag”, que utiliza fitas presas ao calção dos jogadores e o objetivo é tentar retirar essas fitas dos adversários, evitando-se, ao mesmo tempo, que as próprias fitas sejam retiradas por eles. Esses dois simples exemplos, já tornados práticos em diversos relatos de colegas dentro da EFE, são possíveis e permitem além dessa diversificação das propostas, também diversas associações e reflexões que podem ser aproveitadas e trabalhadas dentro das propostas curriculares em EFE no ensino fundamental.

As modalidades que excluem a violência e possibilitam a prática em quadras poliesportivas podem ser também aproveitadas e assim podem surgir contrapontos a respeito do *fairplay*, do respeito às regras e do uso da agressão como instrumento dentro do jogo, não como finalidade ou objetivo pessoal de causar danos ou prejuízos pessoais.

Sendo assim, nos apoiamos no que diz Leonardo; Scaglia; Reverdito (2009), de que existe uma complexidade entre cada família de jogos e que cada jogo é capaz de trazer influências positivas para a aprendizagem de cada modalidade. O rúgbi e o futsal podem ser incluídos em algumas famílias de jogos coletivos como jogos com bola, jogos de invasão, entre outras. Estas famílias utilizam-se de princípios operacionais de ataque e defesa no decorrer da partida.

Logo, se conseguirmos ensinar o rúgbi de maneira adaptada, com a ajuda das regras e ações do futsal e de outras modalidades de conhecimento dos alunos e alunas, concomitantemente à exclusão das jogadas de contato agressivo como no “bitoque” e no “tag” utilizados de exemplo, poderemos trazer o mesmo prazer de jogar futebol aos praticantes de rúgbi na EFE. Além disso, também surgem possibilidades de ampliação do repertório de práticas corporais e do conhecimento de aspectos culturais de outros países e regiões.

Mesmo com a necessidade de exclusão da violência ou limitação da agressividade para possibilitar a prática em quadras poliesportivas, o rúgbi nos fornece uma oportunidade para trabalharmos assuntos referentes a essa violência, devido à presença da agressividade instrumental contida no jogo de rúgbi e também pela observação de alguns conflitos entre os alunos durante as aulas que demonstraram a presença da violência agressiva. Martins (2005) cita a violência agressiva ou reativa e a violência instrumental da seguinte forma:

A violência reativa é desencadeada pelas condições que a antecedem, isto é, surge como uma explosão emocional, um nível de tensão e críspação elevados, que ultrapassam a capacidade da pessoa para enfrentar o evento social de outra forma; enquanto que a violência instrumental ou proativa é desencadeada pela perspectiva dos resultados que o indivíduo espera obter, isto é, utiliza-se para se conseguir um determinado resultado.

Sobre promover a inclusão dos gêneros, Pereira; Mourão (2005) dizem que os debates sobre tentativas de superar o modelo tradicional, nos quais pensava-se o corpo em movimento separado por sexo (e onde eram definidas atividades que seriam próprias para cada um), pensamento este que esteve presente na Educação Física (EF) por muito tempo.

Recorremos aqui também a Louzada; Votre; Devide (2007), que afirmam que aulas mistas se mostram socializantes, desfavorecendo confrontos e minimizando as diferenças entre força e habilidades, em detrimento das aulas com separação por sexo, que favorecem o desempenho e são “esportivizadas” ao extremo.

Nesse sentido, o presente estudo tem o propósito de apresentar o rúgbi como um conteúdo específico a ser trabalhado nas aulas de EFE no ensino fundamental, com o propósito de diversificar as aulas de EF, minimizar a seleção por aptos e inaptos e proporcionar o contato com a cultura de outros povos, bem como oferecer oportunidades de vivenciar novos conteúdos da cultura corporal e estabelecer diversas relações e reflexões por meio destas práticas e atividades dentro do contexto educacional e sociocultural.

METODOLOGIA

SUJEITOS

Nossa amostra foi constituída por **68 crianças** de ambos os sexos (36 meninos e 32 meninas) **entre 12 e 14 anos de idade**, com **estatura média de 1,59 ± 0,11 metros** e **peso médio de 61 ± 0,62 Kg**, matriculadas na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, da cidade de Muzambinho, estado de Minas Gerais (MG).

OBJETIVOS E ETAPAS METODOLÓGICAS

O estudo teve como objetivo apresentar o rúgbi como um conteúdo específico a ser trabalhado nas aulas de EFE no ensino fundamental, com o propósito de diversificar as aulas de EF, minimizar a seleção por aptos e inaptos e proporcionar o contato com a cultura de outros povos, bem como oferecer oportunidades de vivenciar novos conteúdos da cultura corporal e estabelecer diversas relações e reflexões por meio destas práticas e atividades dentro do contexto educacional e sociocultural.

O processo pedagógico objetivou municiar os estudantes de informações e referências que lhes dessem condições de construir um rúgbi da escola.

Os objetivos do estudo e os procedimentos foram apresentados para os responsáveis que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Além disso, todos os procedimentos experimentais adotados atendiam aos preceitos da Lei 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS - Parecer n. 008/2013).

A pesquisa que se segue é um relato de experiência realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto de Educação Física, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) – Campus Muzambinho-MG.

A intervenção ocorreu na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida e orientou-se por parâmetros qualitativos, os quais, segundo Godoy (1995, p.58):

“(...) não procuram enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.”

O presente trabalho foi dividido em três momentos:

1) Observações; 2) Revisão bibliográfica e pesquisa de experiências dentro da Pedagogia do Esporte com enfoque na modalidade Rúgbi; 3) Plano sistematizado de 10 encontros aplicados nas aulas de EFE, com enfoque no Rúgbi Escolar, cuja finalização se deu com a construção de um rúgbi genuinamente escolar.

PROCEDIMENTOS

A **primeira etapa** se deu a partir de observações das aulas de Educação Física Escolar (EFE) da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, localizada no município de Muzambinho – MG, com as turmas do sexto ano “A” e sexto ano “B”. Para auxiliar o diagnóstico, foi realizada junto às observações a aplicação de um questionário aos alunos. Neste instrumento desenvolvido para a pesquisa, foram avaliados aspectos como: 1) o interesse pelas aulas de Educação Física e a motivação nas mesmas; 2) motivos da não participação nas aulas quando existirem; 3) Interesse por algumas novas práticas pouco comuns no meio escolar em nossa região; as perguntas presentes no questionário foram definidas em reunião junto aos demais integrantes do PIBID - subprojeto educação física.

O **segundo momento** foi de revisão bibliográfica, no intuito de analisar os conceitos de diversidade e inclusão presentes nos PCNs Brasil, (1998) relacionados à Educação Física. Estabelecemos, a partir desse arcabouço conceitual, relações com a história do rúgbi no mundo e no Brasil e as possibilidades de ensino do rúgbi no meio escolar, buscando referenciais na Pedagogia do Esporte, em autores nacionais e internacionais.

Por fim, na **terceira etapa**, foi elaborada e aplicada uma sequência de 10 aulas propostas às turmas selecionadas para a intervenção, cujo clímax foi a construção de um rúgbi escolar.

A aplicação das aulas foi desenvolvida durante o período de cinco semanas, com duas aulas semanais de 50 minutos. Neste processo, utilizou-se como instrumento diagnóstico um portfólio, onde os alunos discorreram de forma livre sobre as aulas ministradas e ainda manifestaram suas percepções por meio de um desenho que foi analisado buscando identificar os níveis de entendimento dos alunos.

Para avaliar a participação dos alunos durante as aulas, foram realizadas filmagens, que muito contribuíram fornecendo informações quanto à inclusão, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) buscam reverter o quadro de aptos e inaptos, incluindo todos em uma mesma aula, de maneira integrada.

Para análise dos dados, procurou-se identificar o conhecimento adquirido pelos alunos sobre o rúgbi e suas possibilidades de prática, assim como a aceitação do mesmo. Para tal, utilizamos um portfólio, que de acordo com Gusman et al. (s/d):

“(...) proporciona uma reflexão crítica do conhecimento construído, das estratégias utilizadas, e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo. O Portfólio constitui uma forma de avaliação dinâmica realizada pelo próprio aluno e que mostra seu desenvolvimento e suas mudanças através do tempo.

Além disso, de forma prioritária, foram avaliados outros aspectos relacionados à inclusão, ou seja, se algum aluno sentiu dificuldade na prática ou em algum momento sofreu violência por parte dos demais alunos, sentindo-se excluído e/ou envergonhado por não saber jogar; e/ou teve medo de praticar este novo conteúdo; também foi indagado o porquê, ou as justificativas pessoais das respostas a essas questões.

Para avaliar estas situações, utilizamos gravações das aulas aplicadas. Para Carvalho (1996), as mesmas permitem identificar e selecionar “episódios de ensino”, que são momentos que mostram a situação a ser investigada, ou seja, situações que se relacionam com a pergunta do investigador, como, por exemplo, as respostas dos alunos após uma pergunta desestruturadora ou momentos das discussões em grupo e ações que desencadeiam processos de busca das soluções dos problemas pesquisados.

MATERIAIS BÁSICOS DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Os materiais utilizados durante as aulas e encontros foram: 25 bolas de futebol; 30 bolas de vôlei; um pedaço de corda de varal e uma bola velha de futebol para confecção das bolas de rúgbi com material alternativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as observações das aulas de EFE dos sextos anos “A” e “B”, da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, em Muzambinho-MG, foi constatado que por algumas vezes as aulas eram divididas em dois momentos de igual duração.

Em um momento, a quadra era utilizada pelos meninos, que jogavam futsal e em outro momento pelas meninas que jogavam handebol. Pouquíssimas exceções foram observadas, sejam meninos jogando handebol ou meninas jogando futsal, mas sempre mantendo a prática de esportes coletivos tradicionais.

A partir disso, surge a necessidade de se estudar formas de ministrar aulas inclusivas e integradas em relação aos gêneros, que possibilitassem e motivassem a participação de todos os alunos, minimizando a separação entre aptos e inaptos e as diferenças entre os gêneros e as práticas corporais.

Após análise dos resultados e estudos dos casos observados, foram definidas as temáticas que seriam trabalhadas e avaliadas, dentre elas, o rúgbi, apresentado neste trabalho.

Martins (2011) diz que são raras as vezes em que o rúgbi é abordado nas aulas de EFE. Segundo o autor, a prática recorrente objetiva o alto rendimento ou a recreação. A necessidade de tratá-lo como conhecimento reforça a necessidade de um plano de aulas feito com cuidado, buscando algo além da simples prática, mas sua compreensão como um fenômeno cultural que envolve valores, conhecimentos diversos e organização.

O rúgbi não possui regras complexas, fator que facilita a aprendizagem e o entendimento dos alunos. Alves; Campos (2010) corroboram ao dizer que “o rúgbi é um jogo fácil de aprender devido à simplicidade técnica da progressão individual com a bola e a acessibilidade da finalização, que por si só já é um fator motivacional”.

Segundo Pereira; Freire (s/d), não podemos possibilitar exclusivamente o desenvolvimento motor, por não ser aceitável o fato de que com apenas duas ou três aulas semanais seja possível potencializar o desenvolvimento motor. Ainda segundo os autores, as aulas de EFE são um instrumento da educação

integral, compondo aspectos cognitivos, sociais, motores e afetivos, com características culturais da região que está inserido.

Para Venditti Jr.; Sousa (2008), é preciso e é possível dar um tratamento pedagógico integrado ao desenvolvimento infantil na perspectiva da pedagogia do esporte, como forma de melhorar a atuação profissional e o aprendizado dos alunos, uma vez que atuamos como agentes pedagógicos do movimento. Cabe ao professor de EFE planejar aulas motivantes com conteúdos diversificados para atender com plenitude aos interesses e necessidades dos alunos, buscando sempre uma metodologia que desperte seus interesses pessoais, integrada ao processo de ensino-aprendizagem da EFE.

Ainda segundo os autores citados anteriormente, os professores devem buscar pelo desenvolvimento integral dos alunos, propondo atividades desafiadoras que motivem respostas diferentes e estimulem a criatividade dos mesmos (VENDITTI JR; SOUSA, 2008).

De acordo com Pereira; Freire (s/d), “é incontestável que todas as disciplinas devam ensinar o aluno a viver em sociedade. A escola e a EFE devem ser vistas como uma prática primordial para o desenvolvimento do indivíduo num ambiente humano, cultural e social”.

As aulas foram elaboradas com diversos jogos e atividades lúdicas, que não priorizavam a técnica em momento algum, mas sim o entendimento do processo pela qual o aluno estava passando, compreensão da história do rúgbi, sua inserção e relação com a cultura brasileira e características básicas necessárias do jogo.

As atividades foram cuidadosamente definidas visando a participação de todos simultaneamente, sendo as mesmas sempre mistas. Durante a terceira e décima aulas os alunos participaram efetivamente da construção das atividades das aulas. A partir do terceiro encontro já era possível observarmos os alunos participando e criando o rúgbi de acordo com teoria e proposta de *William Webb Ellis*.

E ao final das intervenções, na décima aula da proposta, observamos as classes criando um jogo de rúgbi inédito, onde o professor teve o papel de mediar as decisões tomadas pelos alunos e facilitar o desenvolvimento e usufruto do jogo elaborado pelos próprios participantes.

Inicialmente, houve desconforto por parte dos alunos com o novo esporte, por vezes no decorrer das aulas houve pedidos para que fosse realizado o futsal de maneira livre como eram acostumados a fazer durante as aulas. A manutenção do rúgbi fez com que alguns alunos não participassem da segunda e terceira aula.

Como estratégia para incentivar os alunos a participarem de um conteúdo diferente, optamos por utilizar o futsal após a prática do rúgbi, dizendo aos alunos que se participassem das atividades propostas poderiam jogar futebol durante algum tempo no final das aulas.

Entretanto, este combinado não precisou ser cumprido, pois durante as atividades novas (de rúgbi), os alunos se divertiram, esquecendo o futsal e participando cada vez mais ativamente das aulas, questionando, buscando aprender e ensinar os demais colegas, diminuindo o número de alunos que não participavam das aulas até que ninguém mais ficou de fora. Isso foi observado a partir da quinta aula.

Por meio das observações dos vídeos, podemos identificar um medo inicial em participar das atividades, seguido de um crescente número de alunos que participavam das aulas, visto o interesse de alguns alunos que não participavam das aulas de EFE.

A aluna B. F., do sexto ano B, afirma em seu portfólio que não participava das aulas por julgá-las chatas, mas agora participa das atividades que foram propostas. Observamos também os alunos se mostrando curiosos, dirigindo várias questões ao professor, muitas vezes indo além do que era proposto.

Uma das questões mais interessantes observadas foi a capacidade de organização dos alunos, pois em momento algum foram definidas as posições ou funções de jogo. Contudo, eles se organizaram de tal forma que se confundia com as posições originais do rúgbi, sempre de maneira livre, sem intervenção do professor neste ponto.

Por buscarmos retirar a violência do jogo, utilizamos somente o “rúgbi touch” ou “bitoque”, modalidade onde a queda é substituída pelo toque simultâneo das duas mãos, e o “rúgbi tag”, onde a queda é substituída pela retirada de fitas presas no calção dos alunos.

Tivemos a participação de todos, meninos e meninas jogando juntos e se enfrentando. Por ser um esporte desconhecido para todos não houve seleção entre aptos e inaptos, todos estavam aprendendo e ninguém era visto como “melhor que os demais”. Nas avaliações abertas, não foi relatado nenhum momento em que se sentiram envergonhados ou incomodados pelos demais colegas.

A aluna L.A., do sexto ano A, relata ter gostado das atividades por correr e se divertir com todos os colegas, pois cada um faz a sua parte e se diverte do seu jeito. O interesse e satisfação dos alunos ficaram claros nos portfólios, como citado pelos alunos M.N, do sexto ano B, ao dizer que “eu gostei do rúgbi porque é muito divertido e aprendemos a confeccionar a bola de rúgbi”. O aluno C. D., do sexto ano A, disse que “foi muito legal, eu gostei muito e quero brincar mais vezes.”

Os alunos demonstraram de forma geral, compreender o jogo, regras básicas e como jogar. Não houve nenhum interesse pelo rúgbi de alto rendimento, pois tratamos de priorizar a vivência compartilhada em detrimento da ênfase na vitória.

Com relação aos objetivos relacionados à inclusão e diversidade, que segundo os PCNs (BRASIL, 1998) são formas de minimizar a seleção por aptos e inaptos incluindo todos em uma mesma atividade ou aula e trabalhar com conteúdos diferentes durante o período, respectivamente, foi possível observar nos alunos, comportamentos, falas ou demonstrações que levassem a relação com o esperado de um aluno do ensino fundamental, no que diz respeito a suas capacidades, definidas nos PCNs, tais como, ter conhecimento e dar valores à diferenças culturais presentes nos demais países do mundo, inclusive o próprio; posicionar-se contra diferenças de gênero e demais características sociais e individuais.

Ainda que esta experiência tenha se dado de forma muito positiva são necessários outros trabalhos relacionados ao rúgbi escolar, ampliando as possibilidades de ensino dessa modalidade esportiva.

Um aspecto interessante que merece mais uma vez destaque se encontra na questão de que o processo final de criação daquilo que consideramos como o rúgbi escolar foi o que passou a ser importante no processo. O aspecto de fazermos uso e nos apropriarmos de uma prática não tradicional e diferenciada, recorrendo aos conteúdos teóricos tanto da pedagogia do esporte, quanto das questões culturais e históricas, que apropriam na Educação Física escolar o *locus* de se apresentar os conteúdos da cultura corporal de movimento talvez pudesse se ampliar em outros conteúdos, destacando-se a participação e a suscitação do interesse e pensamento crítico dos alunos, integrantes e partícipes de todas as etapas do processo.

Isso permitiu não somente a apropriação e vivência destes conteúdos, mas o reconhecimento e as possibilidades de integração e reflexões culturais e sociais, além de permitir possíveis discussões com as realidades socioculturais dos próprios alunos, em contextos extraescolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, baseados nas análises dos vídeos e dos portfólios verificados, podemos concluir que o rúgbi pode ser uma alternativa válida para ser trabalhada nas aulas de Educação Física escolar (EFE), com a possibilidade de minimizar a violência instrumental contida no jogo, buscando diversificar o conteúdo e incluir todos em uma mesma aula, minimizando a seleção por aptos e inaptos, atingindo os objetivos propostos pelos PCNs (BRASIL, 1998) relacionados à diversidade e inclusão nas aulas.

As aulas geraram interesses diversos nos alunos, que se mostraram curiosos. Porém, inicialmente houve uma baixa aceitação e até mesmo medo do tema, fator preocupante quando pensamos na ampliação da cultura corporal de movimento dos alunos.

Observamos ainda, a contribuição do rúgbi no que diz respeito às capacidades esperadas de um aluno do ensino fundamental, definidas nos PCNs (BRASIL, 1998), tais como, ter conhecimento e dar valores às diferenças culturais presentes nos demais países do mundo, inclusive o próprio; posicionar-se contra diferenças sexuais e demais características sociais e individuais. Apesar disso, podemos concluir que a persistência na aplicação da proposta possibilitou vencermos as resistências ao tema proposto, animando-nos para continuar as ações em direção a uma Educação Física mais inclusiva e significativa para todos os estudantes.

Porém, essa persistência em superar as resistências e não adesão às práticas não tão tradicionais dentro do universo das práticas dos nossos alunos deve surgir do próprio agente pedagógico em EFE, ou seja, o(a) professor(a) de EF da turma. É esse o nosso desafio, tarefa árdua, que pode ser facilitada pela troca de experiência entre docentes e pelos embasamentos teóricos estudados, mostrando que as perspectivas transformadoras e reflexivas da atual Pedagogia do Esporte podem servir de suporte para o planejamento docente dentro do contexto educacional da EF.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.A.; SANTOS, S.L.G. A inclusão do rúgbi na educação física escolar: notas para a construção de uma abordagem de ensino. In: **Anais** do 5º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar (CONPEF), junho, 2011, p. 11-19. Disponível em: <<http://www.fairplayrugby.com.br/Rugby/Paginas/Conteudo/Arquivos/Publica/201358154133710.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2013.

ALVES, M.P.; CAMPOS, A.M.N. O frisbee e o rúgbi no cotidiano escolar: possibilidades de diálogo com a cultura corporal. In: **Anais** do III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, Niterói/RJ, 2010, p. 01-09. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/cbcesudeste/iicbcesudeste/paper/view/2258>>. Acesso em 11 nov. 2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **PCN - Parâmetros curriculares nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**, Educação Física. Brasil, 1998.

CARVALHO, A.M.P. O uso de vídeo na tomada de dados: pesquisando o desenvolvimento do ensino em sala de aula. **Pro-posições**, v. 7. n. 1 [19]. p. 5-13. Mar., 1996.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta** - 19. ed. Campinas: Papirus, v. 01, p. 175, 2011.

CENAMO, G.C. **História do rugby**. Monografia apresentada à escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo-SP, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GUSMAN, A.B.; et al. **Portfólio: conceito e construção**. Universidade de Uberaba – Instituto de formação de educadores. Uberaba-MG, s/d.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, v. 15. n. 2. p. 236-246, 2009.

LOUZADA, M.; VOTRE, S.; DEVIDE, F. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28. n. 2. p. 55-68, 2007.

MARTINS, F.B. **Apresentando o rúgbi como um conteúdo específico da Educação Física na escola**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Estudos do Movimento Humano da Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2011.

MARTINS, M.J.D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista portuguesa de Educação**, v. 18. n. 1. p. 93-115, Portugal, 2005.

NEIRA, M.G.; UVINHA R.R. **Cultura corporal: diálogos entre educação física e lazer**. Petrópolis-RJ, 2009.

PEREIRA, V.S.G.; FREIRE, J.B. **O rugby como instrumento para o desenvolvimento psicomotor de escolares**. Centro de Ciências da Saúde e do Esporte. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009, 45f, 2009. UFSC: Florianópolis, 2009.

PEREIRA, S.A.M.; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz**, v. 11. n. 3. p. 205-210, set./dez., 2005.

VAZ, L.M.T. Ensino do rúgbi no meio escolar. In: **Lecturas Educación Física y Deportes**, ano 10, n. 81. Buenos Aires/Argentina, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd81/rugby.htm>>. Acesso em 11 nov. 2013.

VENDITTI JUNIOR, R.; SOUSA, M.A. Tornando o “jogo possível”: reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. **Revista Pensar a Prática**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 11, n. 1, jan./jul. 2008, p. 47-58.

-
- ¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Curso de Educação Física (IFSULDEMINAS), Campus Muzambinho.
 - ² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus Bauru, Departamento de Educação Física.
 - ³ Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências da Saúde do IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho.
 - ⁴ PIBID- subprojeto Educação Física (IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho).
 - ⁵ Programa de Pós-Graduação e Doutorado de Engenharia Biomédica da Universidade Camilo Castelo Branco, São José dos Campos, (UNICASTELO).

Rua Dinah, 75 - Canaã
Muzambinho/MG
37890-000

AGRADECIMENTO

O autor Fabiano Fernandes da Silva agradece à Capes, pela concessão da Bolsa de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Biomédica da Unicastelo (Universidade Camilo Castelo Branco, São José dos Campos/SP).